
OLHARES DO PAN-AFRICANISMO: FRANTZ FANON E AMÍLCAR CABRAL UM CAMINHO PARA OS PROJETOS DE UNIDADE

Gustavo de Andrade Durão¹

UMA BREVE INTRODUÇÃO

O presente artigo visa relacionar um pouco da trajetória de luta política de dois pensadores que atuaram no ambiente africano no contexto de descolonização. Através da passagem pelas obras escritas e atuações mais relevantes no campo da luta revolucionária será analisado como Frantz Fanon e Amílcar Cabral laboraram ao mesmo tempo pela união e pela emancipação do continente africano. Apesar dos espaços geográficos diferentes, esses dois pensadores-revolucionários foram atuantes na luta de libertação dos países, elencando conquistas que garantiriam o fim do domínio da metrópole. Nesse sentido, dentro de uma geopolítica que dividia o mundo em duas esferas (capitalismo e socialismo). Os dois autores foram influenciados pelas noções marxistas garantindo um amplo conjunto de medidas para garantir não só a emancipação dos países como uma espécie de orientação para a obtenção da unidade após o fim do colonialismo.

Uma maneira de perceber como o trabalho desses intelectuais ultrapassa a circulação literária e atinge efetivamente o campo de luta política é também um dos objetivos da presente análise. No caso de Fanon ele se envolvia afetivamente com a Argélia, e Amílcar Cabral também sente-se atraído para Cabo Verde, muito embora tivesse nascido na Guiné. Esse seria um claro exemplo que além da capacidade de liderança desses dois pensadores eles estavam envolvidos em uma luta mais ampla envoltos na ideologia das lutas pela igualdade político-social. Vale dizer que ambos os projetos teriam como meta final o pan-africanismo: essa mítica de união e solidariedade entre os povos africanos que não chegou a concretizar-se efetivamente.

¹Doutor pelo programa de Pós-Graduação em História Comparada – PPGHC-UFRJ

Nascido na Martinica, no ano de 1925, Frantz Fanon teve desde cedo uma relação profunda com as questões culturais e sociológicas que envolviam o mundo do colonizado (MACEY, 2011). Sendo contemporâneo do pensador do Movimento da *Négritude*, Aimé Césaire, entrou em contato com a poesia e com a teoria desse autor, sobretudo, na raiz das questões suscitadas pela literatura antilhana (HADDOUR, 2006). A concepção de pensador humanista foi empregada por Fanon de modo exemplar, tendo ele ocupado ao mesmo tempo o campo intelectual como a ambiência política de sua época, muito embora a sua teoria tenha sido divulgada antes da sua atividade revolucionária.

Fanon lutou ao lado da França durante a Segunda Guerra Mundial, em seu retorno à Martinica foi condecorado com a *Croix de guerre* (Cruz de Guerra) por ter sobrevivido, e com isso teve direito a uma bolsa de estudos para estudar na metrópole. Em 1947, cursou psiquiatria em Lyon, muito embora tivesse uma inclinação para o pensamento filosófico e estudo das humanidades (MACEY, 2011; HADDOUR, 2006). Preocupado com a questão financeira ele avaliou que seria melhor seguir a psiquiatria que lhe possibilitaria melhor atuação no campo profissional (MACEY, 2011).

Fanon ocupou espaço tanto como escritor, escrevendo sobre filosofia e ensaios psiquiátricos, como homem político, desenvolvendo suas noções sobre o que era “ser negro no mundo”. Seu primeiro livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*, de 1952, esclarecia as perspectivas culturais da época relacionando o racismo junto as produções tanto do meio intelectual europeu quanto dos antilhanos e africanos preocupados com o debate do negro e do mundo colonial. Todavia, somente a partir de *Os Condenados da Terra*, de 1961, Fanon deixaria mais explícito sua ligação com o continente africano. Graças a sua experiência no hospital psiquiátrico de Blida-Joinville, em 1953, entrou em contato com a realidade argelina, à qual estaria até a sua morte em 1961 (YOUNG, 2006).

Nascido na cidade de Bafatá, na Guiné-Bissau, Cabral foi a exemplificação dos valores culturais que se misturavam durante muito tempo entre cabo-verdianos e guineenses. Ele vivenciou, sobretudo, a interlocução entre esses dois espaços geográficos na busca por maior conciliação das diferentes realidades. A colonização portuguesa também gerou respostas no que tange ao processo de crítica ao

império, e dentre os críticos ao colonialismo a figura de Amílcar Cabral demonstrou um pouco o caminho que precisava ser traçado até atingir-se a independência (LOPES, 2013).

Na década de 1950, Cabral, já tendo terminado seus estudos em agronomia, pôde participar do processo de formação do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e em 1956 fundava o PAIGC (Partido Africano pela Independência da Guiné e Cabo Verde). A década seguinte ele já se articulava entre figuras importantes e via os processos de libertação eclodirem em todo continente africano (LOPES, 2013).

No caso específico de Cabo Verde via-se uma grande preocupação da metrópole com essa colônia, que tinha grande recepção lusitana desde o século XIX. Em função desse fluxo, a identidade do cabo-verdiano esteve bastante ligada com a do colonizador, que era reproduzido por aqueles poucos indivíduos letrados. Essa consciência de que o cabo-verdiano era diferente do português só começara a mudar no pós Segunda Guerra Mundial, ainda sim com grande turbulência e polêmica (MELO, 2010).

Seguindo a tendência dos movimentos literários que contestavam o colonialismo, Cabral buscava através de um grupo de escritores formar um grupo responsável por reproduzir as expressões artístico-literárias contendo uma literatura negro-africana de expressão portuguesa. A revista *Claridade*, teve força nos entre guerras, demonstrava que havia um debate fértil para a identidade e mesmo uma noção de cabo-verdianidade. Esse contexto cultural era necessário para o investimento em uma literatura com a qual através da poesia seria possível uma luta contra a colonização portuguesa vinda das bases mais populares (WATHIER, 1977).

Já nos eventos revolucionários argelinos, o debate literário foi consequência da luta armada que desde o ano de 1954 iniciou vários processos de guerrilha que se transformaria em uma situação de Guerra. O conflito da Argélia eclodiu, e Frantz Fanon trabalhando no hospital argelino pediu demissão, pois rapidamente havia sido cooptado para a lutar ao lado da Frente de Libertação Nacional (FLN), principal organização anticolonial e com aspirações nacionalistas. Fanon adotara a Argélia como sua pátria e desde o congresso de Soummam, em 1956, familiarizava-se com as bases da luta

revolucionária (MACEY, 2011, p.275). Esse congresso foi organizado visando a defesa e a concretização ideológica da luta argelina, bem como suas bases para o nacional, para Fanon, foi um momento importante que o levaria concretamente para as fileiras revolucionárias.

Na obra “*Pour la Révolution Africaine*”, editada postumamente, em 1964, Fanon explicava o seu pensamento acerca do pan-africanismo e destacava parte das suas publicações no jornal da luta revolucionária da FLN. O jornal *El Moudjahid* trazia debates com a cultura ocidental e visões para o futuro da África, como unidade e os projetos de descolonização. Em 1958, em trajetória revolucionária, Fanon foi até Gana ter uma reunião com o então presidente Kwame Nkrumah para cumprir a missão de buscar apoio para a luta revolucionária em países africanos que apoiassem a descolonização como o referido país. Nessa época a África já sofrera as lutas da descolonização e o pan-arabismo representava uma questão importante na luta entre Inglaterra e Egito de Nasser, na famosa disputa pelo Canal de Suez (AMZAT-BOUKARI, 2014).

O texto de Amílcar Cabral que coroou a atividade revolucionária do PAIGC foi o intitulado *Unidade e Luta*, essa obra foi recuperada por outros pensadores angolanos e moçambicanos, como Mario de Andrade e Eduardo Modlane, respectivamente, nos seus processos de emancipação. No livro, Cabral estabelecia alguns princípios comuns da luta revolucionária para os dois países, levando em consideração a união necessária para alcançar a descolonização e a luta contra o inimigo comum: o colonialismo português (LOPES, 2014).

No final da década de 1950, a militância iniciava concretamente, e já havia um objetivo comum, criar um partido que atuaria como vetor principal da independência de Portugal. Para tal intento, Cabral foi fundamental, não só para fornecer unidade ao movimento de luta pela independência, mas por representar alguém que daria um encaminhamento aos projetos revolucionários dos dois países que compunham o PAIGC. (CARDOSO, 1993). Desde sua criação, em 1956, o PAIGC reunia comerciantes e intelectuais, mas teve grande penetração no mundo rural, o que pode ser visto como um fenômeno interessante de penetração nas massas para a divulgação da ideologia anticolonial.

PAN-AFRICANISMO – CONCEITO E DEFINIÇÃO

O pan-africanismo inicialmente buscava um apanhado de várias noções unidas, fosse através dos negros norte-americanos e caribenhos como Wilmot Blyden, Alexander Crummel e mesmo W.E.B. DuBois, defensores da noção de “*Back to Africa*”, ou seja, o retorno ao continente africano. Era essencialmente um mito, já congregava desde o século XIX os escravos libertos, os acometidos pela colonização, e mais tarde aqueles que eram tidos como cidadãos de segunda classe nos Estados Unidos. A aceitação da exclusão dos povos negros foi um dos primeiros ingredientes da questão pan-africana que tomou corpo no início do século XX, na Primeira Conferência Pan-africana de Londres em 1900 (APPIAH, 1997).

O principal problema da mítica pan-africana era que para ocorrer a união seria necessário a continuidade das instituições, associações e busca de igualdade de direitos dos povos negros. Esse ideal inicial era praticamente utópico de ser continuado, visto que os interesses dos afro-americanos, dos antilhanos e dos africanos eram bastante divergentes. Por isso, o conceito de “raça” apareceu tão presente nos escritos dos primeiros pensadores pan-africanos (APPIAH, 1997).

Essa primeira manifestação do ideal pan-africano possibilitou a divulgação do conceito de modo bastante vago e amplo, o que para o início do século XX representou um avanço significativo diante de tanta exclusão em relação aos negros. De maneira mais genérica ser pan-africano significava retomar a herança africana, retomar a história da escravidão, perceber a exclusão dos descendentes de africanos no continente europeu e todas as outras formas de exclusão que reforçavam as desigualdades. A volta à “Mãe África” e a busca dos valores encentrais tão debatidos por pensadores como o historiador negro W.E.B. DuBois representaram a busca ávida pelas raízes dos homens negros (DUBOIS, 1999).

Entrando na perspectiva contemporânea, a visão pan-africanista de Fanon surgiu quando iniciou sua missão como secretário geral do Governo Provisório Argelino (GPRA) e, em Accra, ele buscou a compreensão do projeto de unidade que Gana imaginava para o continente. Do lado argelino, o plano futuro era abrir uma nova frente de luta, fortalecendo a resistência argelina que enfrentava o

colonialismo através da guerrilha (BOUVIER, 2010). Enquanto representante do GPRA, cabia ao psiquiatra antilhano fazer contatos com os líderes africanos do Mali, Camarões e, obviamente, Gana que já possuía uma grande autonomia no cenário interno. Além da aproximação com Nkrumah, Fanon tentou aproximação com Félix Moumié, do Camarões, e com Patrice Lumumba, do Congo belga (BOUVIER, 2010).

Anos mais tarde o líder do Congo foi assassinado em um claro golpe contra as representações africanistas mais sociais defendidas por Lumumba o que gerou um grande impacto entre os líderes pan-africanistas. Defende-se que projeto de unidade do líder congolês tenha sido o que mais se aproximou de Fanon, mesmo porque era pensado como um projeto de emancipação coletiva através de um discurso, se não socialista, um tanto quanto preocupado com o social (FANON, 2006).²

A dose de violência no pan-africanismo de Fanon ocorrera através da premissa de que não havia abertura para o diálogo colonial e como era inexistente qualquer tipo de ajuda internacional somente por meio da força se atingiria a liberdade. Pode-se perceber também que a guerrilha na ilha de Cuba, serviu como forte influência para a continuidade das lutas revolucionárias na Argélia, que flertava com o marxismo das Antilhas (YOUNG, 2006).

O presidente de Gana, Kwame Nkrumah, por outro lado, inspirado na *Commonwealth* britânica imaginava um sistema de unidade em que as instituições cooperassem mutuamente, em nome da África. O temor do referido político era que ocorresse a “balcanização” da África e os Estados recém independentes ficassem à mercê das antigas potências coloniais.³ O Pan-africanismo de Julius Nyerere (Tanzânia) ia de encontro com a proposta de Nkrumah, pois propunha uma noção mais à longo prazo de unidade e integração regional. O receio de Nyerere era que o pan-africanismo se tornasse o

² Recomenda-se a leitura do prefácio François Maspero “*Une situation irréversible*” In: Frantz FANON. *Pour la révolution africaine – écrits politiques*. Paris. La Découverte, 2006.

³ Vale lembrar que esse é um ponto em comum a Fanon e Nkrumah, pois, a balcanização era vista como um problema sério, reflexo do que acontecera na Europa Oriental durante o período da Guerra Fria.

“tribalismo em escala internacional” e, claramente, sob controle do Estado da antiga *Gold Coast* (BIRMINGHAM, 1998).

A Conferência dos Estados Independentes Africanos foi o espaço em que diferenciaram as noções de pan-africanismo, muito por conta de interesses tão divergentes dos estados recém-independentes. Um fator foi levado em consideração: de que havia dois projetos diferentes de emancipação, um mais moderado, que defendia a via da negociação com a metrópole e outro, bem diferente, que pregava a luta armada e a violência contra a metrópole. Pode-se inferir que no caso da Argélia, Cabo Verde e Guiné Bissau os processos foram violentos e houve luta armada, o que não ocorreu em Gana com um processo mediado pela metrópole contando ainda com apoio dos Estados Unidos (YOUNG, 2006).

A *Conference of all African people* (Conferência de todos os povos africanos), em 1958, ocorreu na tentativa de tornar mais ágil a descolonização dos países africanos. A conferência movimentou, mais uma vez, o debate sobre a violência e sobre o futuro da unidade africana, não obstante serviu muito mais para encorajar os líderes africanos, que já gozavam de um certo status, do que estabelecer as bases concretas da unidade africana. O processo de instituição mais formal do pan-africanismo não chegou a ocorrer na parte anglófona, pois enquanto Nkrumah queria um projeto mais dinâmico de unidade, Nyerere buscava uma organização pan-africana mais a longo prazo, respeitando os outros processos de independência que viriam a ocorrer (BIRMINGHAM, 1998).

A principal contribuição dessa conferência foi a criação da Organização da Unidade Africana, em 1963, organização que, antes da estrutura da União Europeia, já pensava em uma *commonwealth* africana com bases econômicas e essa foi uma das principais contribuições de Nkrumah para a África.⁴

Em outro contexto a luta do líder guineense, Amílcar Cabral, foi intelectual e política tendo incentivado uma busca pelo interesse da população nas questões da militância. Para Cabral a libertação era um

⁴Em maio de 1963 foi assinada a Carta da Organização da Unidade Africana, tratado assinado pelos países africanos já independentes. Apesar de uma proposta pan-africana, a OUA, em si, não dava esperanças para as novas nações em matéria de segurança e desenvolvimento (BIRMINGHAM, 1998, p.186).

ato de cultura, demonstrando que suas posições políticas tinham um sentido poético, principalmente levando em consideração a maneira com que se entregou ao processo de libertação dos dois países. Enquanto Gana ganhava a sua independência em 1957 e a Guiné-Conacri em 1958, Cabral compreendia que Lisboa ainda não abrisse para o diálogo tal como as outras nações de colonização inglesa e francesa, respectivamente. A partir de 1960, Cabral buscava o apoio da China comunista na esperança de que o PAIGC obtivesse o apoio do marxismo. O líder do partido também proferiu uma série de conferências nos Estados Unidos visando apoio para a independência dos dois países e, o diálogo só foi direcionado mais concretamente para Portugal quando foi lançado o periódico “Libertação” (BOUKARI-YABARA, 2014).

A visão pan-africanista de Fanon era carregada de esperança, imaginando que a exemplo do que ocorrera na Argélia, outros países africanos poderiam se unir cada vez mais para que a África em luta pudesse tornar-se livre (FANON, 2006). O pan-africanismo de Fanon, ainda pouco aprofundado, deve ser visto como um momento importante na história dos povos africanos mediante a urgência de libertação político-econômico-social.

O conceito de pan-africanismo em Fanon se concretizava com sua experiência em Accra, ocupando uma posição importante como representante do Governo Provisório da República argelina e buscando alianças entre os líderes africanos que auxiliando no conflito em seu país poderiam estar assumindo um compromisso de acabar com o colonialismo dentro do continente. Essa relação de troca esteve expressa no seu caderno de viagem intitulado postumamente de “*Unité Africaine*” (Unidade Africana). Nele o revolucionário expunha as alianças (possivelmente Camarões e o Mali) para que através de métodos de guerrilha (e da violência) o colonialismo francês ficasse, na menor das hipóteses, enfraquecido no continente (FANON, 2006).

Le panafricanisme de Fanon s’est construit dans la lutte, en dissidence à l’esprit de confort de la négritude et en opposition au capitalisme comme au communisme. Pour lui, l’unité de l’Afrique est avant tout une unité de combat, visant à libérer le continent du colonialisme et de la violence qui lui est consubstantielle

(BOUKARI-YABARA, 2014, p.170).⁵

Fanon não sobrevivera a uma leucemia raríssima no ano de 1961, tornando-se inviável o desenvolvimento de suas ideias acerca de ações mais concretas do pan-africanismo, como as realizadas por Nkrumah, o que o coloca no lugar de mártir da revolução argelina e precursor entre os líderes africanos mais radicais. Muito embora tenha se engajado na luta argelina, Fanon não conseguiu ver a sua pátria adotiva se tornar independente, já que através das participações nas conferências de Accra (1958) e de Léopoldville (1960) sua noção de África unida fora tão idealizada quanto a de seu contemporâneo, Nkrumah (BOUKARI-YABARA, 2014).

ALGUNS PROBLEMAS NO PAN-AFRICANISMO

Pode-se dizer que o incômodo de Fanon era perceber como alguns líderes africanos não lutavam para sair da situação colonial e, como alguns outros, passaram pela independência sem alterar as configurações do território nacional. Também acredita-se que ele foi incentivado por Nkrumah que defendia um senso de nação, de orgulho e de conquista do destino dos povos africanos, enquanto retórica, lançando-se ao patamar de herói africano dentro do ideal pan-africano (FANON, 2006).

Em 1974, o PAIGC tendo investido em uma série de transformações lutava concretamente pela independência e a luta no lado africano serviu como ponto de apoio ideológico para a queda do fascismo em Portugal em abril, na famosa Revolução dos Cravos (LOPES, 2013). Nem mesmo a morte de Amílcar Cabral, em 1973, deu legitimidade ao PAIGC, contudo foi questão de tempo para que Cabo Verde e Guiné Bissau, apesar da independência, seguissem rumos diferentes, apesar da condição de descolonização (CARDOSO, 1993). Guiné-Bissau conquistava sua independência neste mesmo ano, e no seguinte era a vez de Cabo Verde, apesar de determinada resistência da antiga metrópole o legado de Amílcar Cabral tinha permanecido, divulgando a necessidade do fim do colonialismo em

⁵ “O pan-africanismo de Fanon se contruiu na luta, em dissidência ao espírito de conforto da *négritude* e em oposição ao capitalismo como ao comunismo. Para ele, a unidade da África é antes de tudo uma unidade de combate visando libertar o continente do colonialismo e da violência que lhe é consubstancial” (BOUKARI-YABARA, 2014, p.170).

outros espaços da África de colonização portuguesa. Liberdade e luta eram os conceitos que se desenvolveriam levando outros países que através da “influência cabralina” incendiando outros processos de independência no continente africano (LOPES, 2013).⁶

Amílcar Cabral era um líder nato, mas não contava com a imensa diversidade que havia dentro do seu partido. Esse erro pode ter custado caro e ele foi brutalmente assassinado por militantes de Conacri que eram infiltrados pelo governo português (WATHIER, 1977).

Embora pertencentes a contextos diferenciados e com trajetórias diferentes esses pensadores têm muito em comum e, tanto nos aspectos políticos, quanto culturais, vê-se em grande escala um projeto de África que buscava suplantar o domínio colonial e unificar um continente que já sofrera com a escravidão, com a colonização, e ainda visava traçar novos rumos diante de um mundo dividido em duas esferas. Apesar das mortes, dos Golpes de Estado e mesmo do esquecimento, Fanon e Cabral foram grandes políticos africanos que deixaram um legado que diz muito sobre os processos de unidade e emancipação (individuais e coletivos). Apesar de idealistas, eles buscaram um processo de construção histórica dos povos africanos e do mundo, rumo a legitimidade de direitos iguais e liberdade em amplos sentidos.

CONSIDERAÇÕES

Através das perspectivas geopolíticas e históricas percebeu-se como o pan-africanismo ocupou um espaço importante nas articulações político-ideológicas dos autores negro-africanos comprometidos com o anticolonial. O duplo papel de produção do conhecimento e da atuação efetiva na política fez dos dois autores exemplos de luta e militância em prol de um projeto futuro. Os processos de independência animados por esses autores levam a crer que havia uma vontade de gerar um grande movimento de

⁶ Nesse sentido é possível dizer que houve uma “geração cabralina” que adotou esse nome em homenagem a luta desse intelectual e de seus companheiros. As contribuições de Amílcar Cabral são fundamentais para se chegar a vários conceitos, como por exemplo, o de pan-africanismo. Ele foi assassinado em Conacry em 20 de janeiro de 1973, traído por seus próprios companheiros de luta os quais agiam por conta do regime colonial português (LOPES, 2013, p. 5-7).

emancipação coletiva, capaz de elevar a África ao patamar dos conglomerados econômicos comuns. Contudo, um projeto aparentemente fracassado representou a conquista na medida em que a noção de unidade e de luta se proliferaram no continente. Vale dizer que para vencer um inimigo comum (o colonialismo), Fanon e Cabral, apesar de não acompanharem a emancipação efetiva dos países os quais lutaram, deixaram o conceito de unidade que sobreviveu e influenciou novas gerações que lutaram durante processos anticoloniais subsequentes.

REFERÊNCIAS

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu Pai – A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BENOT, Yves. *Les Députés africains au Palais Bourbon (de 1914-1958)*. Vol. 4. Chaka Editions, 1989.

BIRMINGHAM, David. *Kwame Nkrumah – The Father of African Nationalism*. Ohio: Ohio University Press, 1998.

BOUCHENE Abderrahmane, PEYROULOU Jean-Pierre, TENGOUR Ouanassa Siari, THENAULT Sylvie (Dir.) *Histoire de l'Algérie à la période coloniale*. Paris: La Découverte, 2014.

BOUKARI-YABARA, Amzat. *Africa Unite! Une Histoire du panafricanisme*. Paris: La Découverte, 2014.

BOUVIER, Pierre. *Aimé Césaire, Frantz Fanon – Portraits de décolonisés*. Paris: Les Belles Lettres, 2010.

CARDOSO, Humberto. *O Partido Único em Cabo Verde, um assalto à esperança*. Praia: Imprensa Nacional de Cabo Verde. 1993.

CHERKI, Alice. *Fanon: a portait*. Cornell University Press, 2006.

DAVIDSON, Basil. *As ilhas afortunadas*. Lisboa: Editorial Caminho, 1988.

DUBOIS, W.E.B. *As Almas da Gente Negra*. Rio de Janeiro: Editora Lacerda, 1999.

FANON, Frantz. *Pele Negra Máscaras Brancas*. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FANON, Frantz. *Pour la révolution africaine – écrits politiques*. Paris. La Découverte, 2006.

FERNANDES, Gabriel. *Em busca da Nação – notas para uma re-interpretação do Cabo Verde crioulo*. Editora da UFSC, Florianópolis: SC, 2006.

FERRO, Marc. *História das Colonizações. Das conquistas às independências – séculos XIII a XX*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

GIBSON, Nigel. C. *Fanon – The Postcolonial Imagination*. London: Polity, 2003.

- HADDOUR, Azzedine. *The Fanon Reader – Frantz Fanon*. London: Pluto Press, 2006.
- HERNANDEZ, Leila Leite. *Os Filhos da Terra do Sol. A formação do Estado Nação em Cabo-Verde*. São Paulo: Summus, 2002.
- HOURANI, Albert. *Uma história dos povos Árabes*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011
- LARANJEIRA, Pires. *Negritude Africana de Língua Portuguesa – Textos de Apoio (1947- 1963)*. Braga: Editora Angelus Novus, 2000.
- LEFEUVRE, Daniel. *Chère Algérie – La France et sa colonie (1930-1962)*. Paris : Flammarion, 2006.
- LOPES, Carlos. *Amílcar Cabral – Recueil de textes introduit par Carlos Lopes*. Genebra: Cetim, 2013.
- MACEY, David. *Frantz Fanon – Une Vie*. Paris : Éditions La Découverte, 2011
- MELO, Victor Andrade; BITTENCOURT, Marcelo; NASCIMENTO, Augusto (orgs.). *Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- MBEMBE, Achille. *Frantz Fanon par les textes de L'époque* (introduction par Mireille Fanon-Mendès-France). Fondation Frantz Fanon. France : Présence Graphique, 2012.
- MEMMI, Albert. *L'homme dominé*. Paris: Gallimard, 2010.
- NETO, Sérgio. *Colónia Mártir, Colónia Modelo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.
- NKRUMAH, Kwame. *Autobiography of Kwame Nkrumah*. Londres : Panaf books, 1973.
- PHAN, Bernard. *Colonisation et décolonisation (XVI^e-XX^e siècle)*. Paris : Puf – Presses Universitaires de France, 2006.
- RENAULT, Matthieu. *Frantz Fanon – de L'Anticolonialism à la critique postcoloniale*. Paris : Éditions Amsterdam, 2011.
- YOUNG, Robert. *Fanon et le Recours à la Lutte Armée en Afrique. Les temps Modernes*. 61^o Année, n^o635-636, 2005/2006.
- WATHIER, Claude. *L'Afrique des Africains – Inventaire de la Négritude*. Paris : Le Seuil, 1977.

